

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE FILOSOFIA

RAFAEL DE SOUSA PINHEIRO

A FILOSOFIA DO MARQUÊS DE SADE:
Natureza, vícios, virtudes e a negação da moral cristã.

São Luís
2013

RAFAEL DE SOUSA PINHEIRO

A FILOSOFIA DO MARQUÊS DE SADE:

Natureza, vícios, virtudes e a negação da moral cristã.

Monografia apresentada ao Curso de Filosofia da Universidade Federal do Maranhão para obtenção do grau de licenciatura em Filosofia, orientador: Prof^o. Dr^o. Luciano da Silva Façanha.

São Luís
2013

Pinheiro, Rafael de Sousa.

A filosofia do marquês de Sade: natureza, vícios, virtudes e a negação da moral cristã / Rafael de Sousa Pinheiro. – 2013.

41 F.

Impresso por computador (foto cópia).

Orientador: Luciano da Silva Façanha.

Monografia (graduação) – Universidade Federal do Maranhão, Curso de Filosofia, 2013.

1. Filosofia- Sade 2. Natureza 3. Virtudes

I. Título

CDU 1 SADE

RAFAEL DE SOUSA PINHEIRO

A FILOSOFIA DO MARQUÊS DE SADE:

Natureza, vícios, virtudes e a negação da moral cristã.

Monografia apresentada ao Curso de Filosofia da Universidade Federal do Maranhão para obtenção do grau de licenciatura em Filosofia.

Aprovado em: / /

Nota: (_____)

BANCA EXAMINADORA

Profº Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Luciano da Silva Façanha (Orientador) –
Universidade Federal do Maranhão

Professor (2º Examinador-UFMA)

Professor (3º Examinador-UFMA)

DEDICATÓRIA

Dedico o presente trabalho monográfico aos meus pais, Bárbara Araújo de Sousa, e Aderson Ribeiro Pinheiro (*in memoriam*). Da minha mãe herdei a virtude e arte do silêncio, sem o qual nenhum homem é capaz de filosofar, a bem dizer, reconhecer-se enquanto existente e refletir sobre a realidade que o circunda, buscando as suas razões através da realidade mesma. Do meu pai herdei a honestidade, o respeito, a seriedade, e acima de tudo, essa mania raciocinante que me persegue desde meus primeiros anos de vida. Seria pouco ou nada generoso comigo mesmo se concluísse esta monografia em filosofia sem reconhecer a importância de meu pai para que eu trilhasse nos caminhos do saber. Homem de costumes tradicionais, criado no interior de Guimarães, tornou-se, com o passar do tempo, um extemporâneo. A sua mania raciocinante, da qual deriva a minha, fazia-o sentir-se um verdadeiro estrangeiro por onde quer que passasse. Incompreendido pelos irmãos, amigos, e em verdade, por mim mesmo, tempos atrás, recolhia-se nas profundezas do pensamento e me dizia coisas que somente agora, aos poucos, tornam-se claras para mim. Sempre consciente de sua finitude, reclamava para si, diante da divindade, uma morte que não fosse antecipada pelo sofrimento de paralisar-se em uma cama, ou cadeira de rodas. Se a divindade o ouviu e realizou seu desejo, ou se fruto de um mero encontro inesperado, nas palavras de Sartre, não sei, mas na madrugada do dia 13 de setembro de 2010, horas depois de me indagar sobre um vídeo de Heidegger em meu quarto, meu pai dava o suspiro derradeiro.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família. A tia Domingas e minha avó Dioclécia, que trouxeram o sorriso de volta ao meu rosto após a perda de meu pai. Agradeço a mulher que me fez voltar a sonhar e a sentir novamente um verdadeiro amor, Raianne Raquel, a qual contribuiu, em termos de práxis, para compreensão de muitos conceitos pertinentes a esta monografia. Agradeço aos amigos de infância, João Ricardo e Eduardo Vinícius, por sempre ressaltarem minhas qualidades filosóficas. A Jabson, Eduardo, Newlberth, Danilo, Marcos e Elvis, ao lado dos quais sempre compartilhei bons vinhos e boas discussões. Agradeço aos amigos de turma da universidade, Jamys, Deysielle, Nádia, Wilson, Aurélio, Priscila, Walmagson e em especial meu amigo e irmão Francisco, que tornou-se um membro da família e ao lado do qual pude discutir grandes problemas da filosofia e da religião, bem como sua esposa, Raquiane. Agradeço também aos que não entraram na mesma turma que eu, mas que tornaram-se grandes irmãos e amigos, especialmente Maria do Socorro, Karla Sousa, o amigo Joas Ribeiro e Raul Reis. Agradeço também aos professores componentes da banca, em especial meu orientador, amigo e mestre P^o.Dr. Luciano da Silva Façanha, ao lado do qual pude compartilhar, como na metáfora do azeite utilizada por Platão em *O Banquete*, saberes grandiosos e momentos muito proveitosos e agradáveis em eventos acadêmicos nacionais, sem seus direcionamentos não teria alcançado tantos êxitos com 21 anos em apenas 4 anos de curso. Ao fim, agradeço a todos os professores do departamento de filosofia, em especial o P^o Dr. Almir Ferreira, meu coordenador do Pibid, e ao P^o Dr. José Fernandes, que soube ser amigo em horas difíceis e que com sua vibração constante, sempre lembrava a todos nós, do curso, que existimos. Agradeço também a meu amigo e mestre P^o Dr. Jean Marlos Pinheiro Borba, que me acolheu, ainda no segundo período, no Grupo de Estudos em Fenomenologia, psicologia fenomenológica e filosofias da existência, no qual compartilhei excelentes experiências, desenvolvi estudos cruciais para minha formação, e pude criar grandes amigos como Jefferson.

356-359 - Quando se pretende levar a virtude até seus extremos, de um lado e de outro, aparecem vícios que nela se insinuam insensivelmente, em suas rotas insensíveis, do lado do pequeno infinito; e multidões de vícios se mostram do lado do grande infinito, de sorte que a gente se perde nos vícios e não vê mais a virtude. Cai-se na armadilha da própria perfeição. (...) Não nos sustentamos na virtude por nossa própria força, mas pelo contrapeso de dois vícios opostos, como ficamos de pé entre dois ventos contrários; tirai um desses vícios e cairemos no outro. (**Pascal, Pensamentos.**)

Entre mim e mim, há vastidões bastantes para a navegação dos meus desejos afligidos. Descem pela água minhas naves revestidas de espelhos. Cada lâmina arrisca um olhar, e investiga o elemento que a atinge. Mas, nesta aventura do sonho exposto à correnteza, só recolho o gosto infinito das respostas que não se encontram. Virei-me sobre a minha própria existência, e contemplei-a. Minha virtude era esta errância por mares contraditórios, e este abandono para além da felicidade e da beleza. Ó meu Deus, isto é a minha alma: qualquer coisa que flutua sobre este corpo efêmero e precário, como o vento largo do oceano sobre a areia passiva e inúmera. (**Cecília Meireles, Poesia e Vaga música.**)

RESUMO

Abordagem sobre o pensamento filosófico do Marquês de Sade. Parte-se, em um primeiro momento, da obra *Desejo e Prazer na Idade Moderna* de Luiz Roberto Monzani, com o intuito de compreender o “solo filosófico” a partir do qual se fundamenta e desenvolve a filosofia de Sade. Com isso, chega-se à uma discussão acerca dos fundamentos da vida passional que tem como seu principal precursor, Thomas Hobbes. As considerações sobre a filosofia deste autor permitiram identificar a maneira pela qual Sade liga-se à tradição, sobretudo nas concepções acerca da condição de guerra, a antropologia do desejo, bem como a relativização do bem e do mal. Feito este caminho, buscou-se analisar elementos específicos da filosofia de Sade, tendo como base seu romance filosófico *A filosofia na Alcova*, a saber, seu conceito de natureza, causa originante e reguladora do universo, suas concepções acerca das virtudes e dos vícios, além da operação realizada em sua obra, através de um estilo singular de escrita, da negação da moral cristã.

Palavras-Chave: Sade. Natureza. Virtudes. Negação da moral cristã.

ABSTRACT

Approached to philosophical thinking of Marquis de Sade. Starts, in the first moment, from the *Desejo e Prazer na Idade Moderna* by Luiz Roberto Monzani, in the perspective of understand the “philosophical sources” of Sade’s philosophical foundations and developments. This brings into a discussion about the fundamentals of passional life which has as its main precursor, Thomas Hobbes. The considerations about his philosophy, permitted identify the way Sade binds to tradition, particularly in conceptions about the state of constant war, anthropology of desire as well as the relativism of good and evil. It finished, search up specifics elements of philosophy of Sade, based on his philosophical novel *Philosophy in the Boudoir*, as the concept of nature, the originating cause and regulatory of the universe, his conceptions about virtues and vices, beyond the procedure on his work, through a unique writing style, the denial of Christian morality.

Keywords: Sade. Nature. Virtues. Denial of Christian morality.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. OS FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS DO PENSAMENTO DE SADE.....	16
2.1.A querela do luxo e a problemática acerca dos fundamentos da vida passional.....	16
2.2.Hobbes: O homem como ser desejante e suas contribuições para a filosofia de Sade.....	21
2.3.O espírito das luzes.....	26
3. A FILOSOFIA DE SADE.....	29
3.1.A educação de Eugénie e <i>A filosofia na Alcova</i>	29
3.2.A natureza: Causa originante e reguladora.....	30
3.3. Vícios, virtudes e a refutação do sistema rousсенiano.....	34
3.4.A negação da moral cristã.....	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS BIBLOGRÁFICAS.....	46

1. INTRODUÇÃO

Horror, terror, desumanidade, monstruosidade, loucura e perversão. Seis palavras que não raramente são utilizadas para resumir a obra de um autor do século XVIII que aproximadamente setenta anos depois de sua morte, tornou-se objeto de estudos psiquiátricos pelas atrocidades e práticas sexuais brutais presentes em seus romances e contos. Donatien Alphonse de Sade, o marquês de Sade, o maldito autor que nos chega como um singular caso de transtornos psiquiátricos e que da origem ao termo “sadismo”, popularizado pela obra de Krafft-Ebing *Psychopathian Sexualis: eine Klinisch-Forensische Studie* (Psicopatia Sexual: Um Estudo Clínico-Forense).

Com tal obra, o destino dos desgraçados escritos do autor segue para mera categorização médica que de alguma maneira o reduzem a um caso de comportamento patológico. Com efeito, perguntamo-nos o que esperar de um escritor que cria uma novela como *Eugénie de Franval*, a qual retrata a relação do Sr. de Franval com sua filha Eugénie. O pai, logo que a filha alcança a adolescência, cuida em dar-lhe uma formação longe de sua mãe. Inicia a garota nos estudos de matemática, física, latim e outras disciplinas que aos poucos formam um espírito emancipado racionalmente. Além da educação intelectual, o esperto Franval não mede esforços em ser o único homem de sua filha, em elencar todos os meios para despertar as mais desgraçadas paixões no espírito de sua pequena cria, de forma que esta, ao tornar-se um pouco mais madura, não enxerga em seu pai senão um amante, um objeto de desejo, de suas mais ardentes paixões. Incitada a só conceber ódio por sua mãe, deseja rapidamente que esta morra para que seu pai e amante sexual seja devotado eternamente para si. Vemos aí a inversão dos laços familiares, o ódio de uma filha por sua própria mãe em função de seus desejos carnis pelo pai, um desvairado que não sente remorsos em jogar o fruto de sua própria natureza contra a esposa e que nutre os sentimentos mais sexuais em relação a sua pequena Eugénie.

Vemos ainda, em *Florville e Courval*, as desventuras de uma moça que ao despertar nobres sentimentos em um homem, é pedida em casamento. Diante de tal, vê-se na obrigação de falar a verdade sobre o seu passado, e não obstante confessar ter tido um filho com um rapaz que a abandona, ter se separado do filho,

ter matado um jovem por acidente em dada ocasião e ter testemunhado o assassinato de uma mulher por outra, sendo obrigada assim a testemunhar contra a assassina levando-a ao enforcamento, o homem que pretende fazê-la sua esposa permanece fiel ao pedido, para a momentânea alegria da desgraçada, que logo descobre a real identidade do homem que a deseja como esposa. Este, o velho Courval, surpreende-se com a chegada de seu filho, que entrando na casa logo reconhece no rosto da mulher de seu pai aquela com quem tivera um filho no passado, sendo reconhecido imediatamente por ela. Descobre em seguida, que o jovem que assassinara com a tesoura anos após abandonar seu amante era na verdade seu filho adolescente, do qual fora obrigada a separar-se. Para maior desgraça, vem ainda à tona o fato de que aquela mulher, mandada ao enforcamento por sua causa, era sua mãe, e que deixada na casa de outras pessoas quando pequena, cresceu sem saber sua verdadeira identidade, isto é, filha do homem com quem acabara de casar, o velho Courval. Em poucas palavras, casa-se com o próprio pai, mata a própria mãe e tem um filho com o irmão, filho o qual Florville arranca o fio de vida do peito com uma tesoura.

Tudo isto sem lembrar dos termos que utiliza excessivamente do começo ao fim de seu *A filosofia na Alcova*. Cu, porra, esporro, buceta, punheta (masturbação), fuder, além de termos em francês com uma significação grandiosa na obra como, *foutre dieux* e outros. Tais termos, compõe a educação da doce Eugênie nesta obra.

Tendo aceito ser iniciada na filosofia libertina, a garota passa a ser instruída pela senhorita Saint-ange e pelo libertino Dolmancé. Aos poucos conhece o corpo do homem, seu órgão sexual, bem como o da mulher, e aprende os meios através dos quais pode dispor de seus sentidos de modo que possa alcançar o grau máximo de prazer. Na obra discute-se também o estatuto das virtudes, a finalidade de seu uso, se pode se justificar o sacrifício de nossos desejos naturais em função destas, além de se afirmar o caráter virtuoso da crueldade. Em resumo, quadros pintados pelo autor diante dos quais o leitor espanta-se, horroriza-se e frequentemente é obrigado a perguntar o que mais esperar de tal, senão loucura, monstruosidade e perversidade. Sade chega até o final do século XIX, embora alguns esforços de poetas¹ que buscam ressaltar seu estilo e genialidade, como esta horrorosa exceção

¹ Segundo Eliane Robert Moraes, no artigo *A Erótica Modernista*, um exemplo desses esforços são os estudos desenvolvidos por Apollinaire, que escreveu um longo ensaio biográfico para a publicação de uma antologia de textos do marquês em 1909, no qual definia Sade como "o espírito mais livre que

humana. Contudo, com a curiosidade literária e com a ampliação dos horizontes intelectuais, o monstro ganha destaque, e para além das categorias que por aproximadamente um século e meio resumiram sua obra, começa a ser visto como um escritor de um estilo brilhante, de uma genialidade singular, e mais além, acima dos preconceitos grotescos, é visto como um filósofo não separado das principais matrizes de pensamento de sua época, o século das luzes. Sade não é mais a exceção horrenda que se deve negar, deixa de ser simples objeto de estudos psiquiátricos, de ser um mero comportamento patológico, para se tornar um dos maiores autores da história não só da literatura erótica, mas da própria filosofia. Um dos maiores, acreditamos, não ainda tanto quanto sua obra o mereça, pois não obstante a expansão dos horizontes intelectuais, literários, artísticos e filosóficos, toda a riqueza de reflexões que este autor trás ainda não foi o suficiente explorada.

Considerando, desse modo, que os estudos sobre a obra de Sade subdividem-se em três grandes áreas, como observamos na seguinte passagem:

Sade est ainsi l'objet d'examens cliniques, qui se révèlent apparemment riches d'enseignement aux spécialistes (...) D'autres auteurs, adoptant le point de vu, très différent, de l'étude littéraire, ont entrepris d'examiner le style de Sade, d'analyser ses démarches et ses vues esthétiques, et de rendre compte des qualités romanesques et poétiques que, souvent, ils ont découvertes.(...) Enfin, les plus nombreux exégètes de l'oeuvre du marquis ont été attirés par les raisonnements philosophiques, par les développements théoriques qui l'imprègnent inlassablement au point d'en constituer apparemment l'essentiel.² (FAVRE Apud GIANNATTASIO, 1998, p.10)

A presente monografia, buscando uma análise atenta à obra do autor, especificamente *A filosofia na Alcova*, já citada anteriormente, na qual o autor expõe os passos da educação de Eugénie, por meio dos personagens Saint-ange e Dolmancé, e seguindo o fio condutor aventado por Luiz Roberto Monzani em *Desejo e prazer na idade moderna*, compreende, localizando-se na última área identificada

já existiu no mundo". (MORAES, Eliane Robert. A Erótica Modernista. Em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs3110199905.htm>>. Acesso em: 20 de dezembro 2013.)

² Sade é, assim, o objeto de exames clínicos que se revelam aparentemente ricos de instrução aos especialistas. (...) Outros autores adotam um ponto de vista muito diferente, de estudos literários, desenvolvendo o exame do estilo de Sade, analisando suas abordagens e visões estéticas, e considerando as qualidades romanescas e poéticas que eles frequentemente descobrem. (...) Enfim, os mais nobres intérpretes da obra do marquês foram atraídos para os raciocínios filosóficos, para os desenvolvimentos teóricos que os absorvem incansavelmente, ao ponto de constituir aparentemente o seu essencial. (Tradução nossa).

por Favre, que a filosofia de Sade não é verdadeiramente uma exceção monstruosa que esteja à parte no todo do movimento iluminista. Além de estar ligado a análise da sociedade em seus aspectos constituintes, característica do período, a filosofia do marquês depende de certas matrizes de pensamento que são concernentes ao século XVIII. Segundo MONZANI (1995) “O referencial imediato de Sade- no plano filosófico- são os materialistas franceses. Particularmente, La Metrie, Helvétius e Holbach”.

Seguindo esta obra e as indicações de CASTRO (2009) no artigo *Marquês de Sade: o sensualismo em sua forma máxima*, embora não se aprofunde o estudo destes autores, encontra-se elementos que permitem verificar como resultado das teorias das paixões e , de maneira específica, do determinismo sensorial de Étienne de Condillac, uma procura pelo sentimento da existência. Segundo CASTRO (2009), “tal ideia propunha a maximização da sensação por meio de um aumento energético”. Nesse sentido podemos abordar a filosofia de Sade enquanto inserida no contexto do sensualismo e do materialismo franceses, uma vez que observamos no pensamento do autor, através de seu romance e de seus contos, uma afirmação do sentimento de existência, e na medida em que constitui-se como filosofia dos sentidos que afirma o uso destes de forma exacerbada tendo como finalidade o prazer.

De forma que este possa ser alcançado de todas as maneiras possíveis, onde entra o papel da “imaginação libertina”, que permite ao libertino vislumbrar diferentes possibilidades de realização de seus desejos, ainda que estes atentem contra a própria vida humana.

Em *Diálogo entre um padre e um moribundo* verificamos os argumentos acerca da inutilidade de Deus. Sade busca demonstrar por meio do personagem *moribundo* ao discutir com o *Padre*, que defende os princípios e a moral cristã, a incompreensibilidade da existência de Deus. Sendo incompreensível, carece de utilidade e de necessidade para a explicação das coisas existentes neste mundo. Assim, Sade questiona por meio do moribundo:

Que necessidade tens tu de uma segunda dificuldade quando não podes explicar a primeira? E quando é possível que a natureza sozinha tenha feito aquilo que atribuis ao teu Deus, por que queres tu procurar-lhe um senhor? A causa daquilo que não compreendes é, talvez, a coisa mais simples do mundo. Aperfeiçoa-te em física e compreenderás melhor a natureza; depura

a razão, bane os preconceitos e não mais terás necessidade do teu Deus (SADE, 1961, p.69).

A base está na natureza que é causa fundante e reguladora de tudo o que existe no mundo, não sendo necessário pra isso que ela possua uma sapiência. Em termos de filosofia, pode-se afirmar que em Sade o fundamento ontológico do mundo é a própria natureza, sendo quimera humana qualquer tipo de explicação para tal que não seja esta mesma natureza.

Desse modo, identificamos na obra do autor uma forma de escrita que constantemente associa os elementos sexuais aos religiosos numa forma de ridicularização destes. O que aos olhos do vulgo pode aparecer como simples estilo literário, mas que investigado de maneira rigorosa, pode desvelar uma preocupação com a “destruição” de uma moral e de princípios tidos como quiméricos pelo autor. Observa-se então, nas palavras do próprio Sade, uma tentativa de virar pelo “avesso” a máquina criada para servir às paixões humanas “Deus”. Pretende-se, portanto, no presente trabalho monográfico, apresentar o solo filosófico a partir do qual emerge a filosofia de Sade, especificamente a concepção moderna sobre os fundamentos da vida passional, originada com Hobbes, mostrando que Sade não é uma exceção horrenda presente na história do pensamento, para em seguida analisar-se os principais elementos constituintes da filosofia do autor, especificamente, sua concepção de natureza, virtudes, vícios, bem como seu procedimento de negação da moral cristã, além de mostrar a maneira como tais elementos ligam o filósofo à tradição moderna já citada anteriormente. Para tanto, apresenta-se no primeiro capítulo a discussão acerca do luxo e de como esta se encaminha para a descoberta de um aspecto constituinte da natureza humana, o desejo, no qual o luxo se fundamenta. Em seguida, busca-se apresentar a filosofia de Hobbes no que diz respeito às suas principais contribuições para a nova concepção emergente acerca dos fundamentos da vida passional, além de sua contribuição para a filosofia de Sade. Ainda neste capítulo, no último momento, apresenta-se o contexto histórico do marquês de Sade, o iluminismo, considerando seus principais aspectos e aspirações.

No segundo capítulo, analisa-se os elementos específicos que compõe a filosofia de Sade, a saber, sua concepção de natureza, virtudes e vícios, e a

negação da moral cristã desenvolvida em sua obra. Como objeto para tal análise, recorre-se à obra *A Filosofia na Alcova*.

2. OS FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS DO PENSAMENTO DE SADE.

Por longo tempo a obra de Sade foi esquecida. Reduzido a estudo de transtornos sexuais, como já foi dito, o verdadeiro pensamento do marquês permanece adormecido por aproximadamente um século. Contudo, mesmo após a descoberta do valor de sua obra do ponto de vista literário, o aspecto propriamente filosófico de seus romances e contos, que o fazem um legítimo filósofo, encontra duras penas para ser reconhecido enquanto tal. Nas academias do Brasil tal constatação reflete-se na escassez de estudiosos e pesquisas que se voltem para o reconhecimento de uma legítima filosofia na obra de Sade.

Um dos primeiros trabalhos que tratam especificamente do aspecto filosófico da obra de Sade, e que tem por um dos grandes méritos refazer o percurso das ideias que antecedem e fundamentam a filosofia do marquês, mostrando que o autor libertino não é uma exceção horrenda no todo das ideias do XVIII, é a obra de Luiz Roberto Monzani, *Desejo e Prazer na idade moderna*.

2.1.A querela do luxo e a problemática acerca dos fundamentos da vida passional.

Na obra *Desejo e Prazer na Idade Moderna*, Luiz Roberto Monzani propõe-se a investigar os fundamentos, e por assim dizer, o estofado do pensamento do Marquês de Sade. Partindo de uma sugestão de Hubert, no seu livro *Les Sciences Sociales dans L'encyclopédie*, no qual afirma que “o problema do luxo é um daqueles onde a evolução das idéias, no decorrer do século XVIII, é a mais característica”, Monzani discute a problemática do luxo identificando duas perspectivas de abordagem do problema que se caracterizam, uma, por apologizar o luxo, a qual pertencem homens de uma classe mais elevada e intelectualizada da sociedade, e a outra por identificar o luxo como grande corruptor dos verdadeiros valores louváveis. Esta última perspectiva fundamenta-se em valores cristãos, que primam pela tradição ascética, de negação do aspecto sensível do homem, tendo também partidários que

buscam uma crítica ao luxo com fundamentação secular, não baseada em princípios religiosos, mas em valores mundanos. O grande problema gira em torno de saber se o luxo é bom ou mal em si mesmo, se trás benefícios ou malefícios para a vida moderna, bem como qual sua origem. Dentre os apologistas do luxo, o autor identifica Voltaire, principalmente com a publicação de seu poema *Le Mondain*, no qual retoma a problemática entre antigos e modernos³, que remete já ao século XVII, com a intenção de refutar os valores assumidos pelos detratores do luxo, baseados na exaltação dos antigos. Tais valores são a frugalidade, a austeridade, e a virtude dos antigos, enquanto força, coragem, habilidade, bem como disposição para defender a pátria, que se opõe ao amolecimento dos costumes modernos, sofisticados, fúteis e efeminados. Entre os detratores encontram-se o arcebispo de Cambrai, Fénelon, e com a versão laica da crítica encontra-se La Bruyère.

Ambos os autores partilham da ideia de revalorização da cidade e dos costumes antigos, bem como da ideia de que a vida dos primeiros homens era mais amável, pois viviam de acordo com a razão e louvavam a virtude, ideias incompatíveis com o luxo vão e ruinoso, segundo eles, dos tempos modernos.⁴

A primeira grande crítica aos opositores do luxo é feita por um dos maiores pensadores da época, P. Bayle. O teor da crítica desse autor é a de atingir as duas perspectivas, já citadas, presentes entre os opositores do luxo, como bem observamos na seguinte passagem:

A crítica de Bayle é executada em regra: ataca tanto a posição laica, quanto a inspirada na religião. Ambas, é fácil de perceber, tem um ponto em comum: um certo saudosismo, quando realizam a apologia dos costumes antigos mais puros e virtuosos. Outro ponto comum é a denúncia do relaxamento geral dos costumes do presente. É exatamente sobre esses dois pontos que Bayle inicia sua análise. (MONZANI, 1995, p.29)

Um de seus grandes méritos, indica o autor, foi colocar em questão o mito da frugalidade e da simplicidade dos antigos. Ora, de que se trata o mito em questão?

³ A querela antigos x modernos à qual faz-se referência aqui, diz respeito ao conflito entre os valores e toda a cultura dos antigos, e as novidades provenientes da modernidade. Discute-se o melhor modo de viver, os valores, a escrita e tudo o mais que oponha antigos e modernos. Neste caso, a retomada de Voltaire trata especificamente da apologia do luxo, valor consagrado aos modernos.

⁴ Não aprofunda-se aqui o debate entre apologistas e opositores do luxo, uma vez que objetiva-se apenas a apresentação da fundamentação, isto é, metaforicamente, o solo filosófico a partir do qual a filosofia do marquês de Sade se sustenta. Portanto, apenas segue-se o fio condutor de Monzani, que perpassa pela querela do luxo, o que permite chegar à uma nova concepção da vida passional, assentada em uma antropologia do egoísmo, iniciada com Hobbes, permitindo assim a compreensão moderna de desejo, bem como a noção de homem desejante pertinente à filosofia de Sade.

Bayle mostra que a crença dos opositores do luxo em uma Esparta rústica, austera, simples, frugal, honesta, enfim, com a perfeita característica da virtude antiga, tem pouco ou nada a ver com a Esparta histórica que verdadeiramente existiu. Tais considerações possuem muito mais direcionamentos morais em torno da constituição dessas civilizações, do que propriamente validade histórica. O que Bayle começa a mostrar é que os valores atribuídos pelos opositores do luxo aos antigos, na verdade não fazem parte de uma escolha moral, mas pertencem a uma coação natural, e se não puderam optar pelo que se conhece modernamente por luxo, devia-se ao fato de não terem meios para sequer imaginar a possibilidade dele, segundo coloca o próprio autor:

Quanto a essa frugalidade tão elogiada, ela não era uma supressão das coisas supérfluas, ou uma abstinência voluntária das agradáveis, mas um uso grosseiro daquilo que se tinha entre as mãos. Não se desejava as riquezas que não se conheciam: contentavam-se com pouco por não imaginar nada a mais; passavam-se dos prazeres dos quais não tinham ideia. (BAYLE *Apud* MONZANI, 1995, p.30)

Após a crítica de Bayle, que fora capaz de rechaçar, pode-se dizer, os fundamentos da apologia dos valores antigos, bem como a sustentação da oposição ao luxo, aparece um outro autor, que dá novos rumos à discussão do luxo e o coloca em um lugar até então não alcançado. Fala-se aqui de Mandeville, com o lançamento de sua *Fable of Bees*, fábula das abelhas, aparecida originalmente em forma de poema sob o título *The Grumbling Hive: or knaves Turn'd Honest*.

A fábula conta basicamente a forma como se configura uma dada colméia na qual, segundo Mandeville, as abelhas viviam de forma semelhante aos humanos. Com indústria, ciência, medicina, e tudo mais que cabe a uma vida em sociedade. O que chama a atenção na fábula de Mandeville é que a prosperidade e manutenção da colméia, pelo menos em termos sociais e econômicos, decorre da livre desonestidade e egoísmo dos homens. O luxo nesta perspectiva é fruto dos diferentes vícios humanos, e estes são considerados fundamentais para a manutenção de uma boa economia na colméia. Nesse sentido, as reflexões de Mandeville com sua fábula dão um novo encaminhamento para a discussão acerca do luxo, a saber, a consideração de que:

O luxo é algo perfeitamente natural e normal. Mais ainda: deve ser estimulado, já que no círculo das necessidades estritamente naturais, uma sociedade pode subsistir, mas só se desenvolve e floresce, quando penetra e explora o domínio do supérfluo. E é inútil argumentar que o luxo corrompe, amolece e afemina os costumes. Os bens que acarretam são bem maiores que os males. E isso é o que interessa. (MONZANI, 1995, p.35)

Ora, com o novo encaminhamento dado por Mandeville, o luxo agora passa a ser considerado algo decorrente das próprias aspirações humanas, tornando-se assim um conceito relativo, pois o luxo que representa um carro para um contemporâneo, pode representar uma rede ou uma cabana para um homem em condições diferentes das da sociedade atual.

Outro passo fundamental na apologização do luxo é dado por St. Lambert, no verbete luxo da enciclopédia, quando coloca que:

O luxo tem como causa primeira este descontentamento com nosso estado; este desejo de ser melhor, que existe e deve existir em todos os homens. Nestes, ele é a causa de suas paixões, de suas virtudes e de seus vícios. Este desejo deve necessariamente fazê-los amar e procurar as riquezas. Portanto, o desejo de enriquecer-se deve contar entre os motivos de todo governo que não é fundado na igualdade e na comunidade dos bens; ora, objeto principal deste desejo deve ser o luxo; portanto, existe luxo em todos os Estados, em todas as sociedades: o selvagem tem sua rede, que ele compra por pelos de animais; o Europeu tem seu canapé, seu leito; nossas mulheres usam azul e contas de vidro. (SAINT-LAMBERT *Apud* MONZANI, 1995, p.46)

As considerações deste autor corroboram para que o luxo seja considerado, continuando o encaminhamento dado por Mandeville, resultado de certos desejos oriundos de uma particular disposição da natureza humana. Tem-se então que a discussão acerca do luxo para de girar em torno de uma causalidade moral, no sentido de considerá-lo causa da corrupção ou não das ações dos homens, para voltar-se para um âmbito econômico-social, sendo considerado elemento essencial para o progresso dos homens em sociedade, bem como fundado na constituição natural dos homens.

Ora, apresentada a querela do luxo, os argumentos utilizados por seus opositores e apologistas, e as análises e críticas feitas por Bayle, Mandeville e Saint-Lambert, chega-se à conclusão de que há algo mais fundamental no qual o luxo está incrustado, e que é, sem dúvida, pelas considerações feitas anteriormente, um

atributo constituinte da natureza humana. E aqui chega-se ao ponto que realmente interessa ao presente trabalho. Formula-se duas questões:

Que atributo constituinte da natureza humana é este, ao qual atribui-se o nome de desejo, sobre o qual o luxo está assentado? De que maneira este atributo torna-se objeto de discussão na filosofia moderna, passando pelos séculos XVII e XVIII, tendo no pensamento de Sade, objeto do presente trabalho, um de seus maiores reflexos?

Tais questões direcionam a indagação acerca dos fundamentos filosóficos do pensamento de Sade para um lado obscuro do século XVIII, do qual o autor faz parte, que a emancipação da razão, bem como seu exercício crítico, não são as preocupações principais dos discursos dos homens. Como esclarece a seguinte passagem:

É claro que a caracterização mais comum e mais correta da ilustração é a de que foi a época da emancipação da razão de suas inúmeras tutelas. Época, por excelência, do exercício crítico da razão contra os pré juízos que habitam a mente dos homens em todos os campos: religião, política, falsa moral ascética etc. etc. Sem dúvida o iluminismo foi o tempo dessa prática. Mas, como toda a época, teve duas faces. Luzes, mas também sombras. O que deve nos chamar a atenção aqui é muito mais esse outro lado da época. Tentar desenterrar e desentranhar esse outro lado do século XVIII, até agora pouco explicitado, onde o imaginário, a fantasia, e o desejo governam subterraneamente o discurso dos homens. Há um avesso do século XVIII do qual Sade, sem dúvida, é uma das expressões. (MONZANI, 1995, p.51)

As considerações de Monzani explicitam a ligação de Sade com um lado “sombrio” do iluminismo, lado este caracterizado de tal maneira por tematizar elementos aparentemente velados do período em questão, dentro os quais encontra-se o desejo.

Contudo, a concepção moderna acerca dos fundamentos da vida passional, com a discussão acerca do estatuto do desejo no que diz respeito à natureza humana, só se constrói a partir de uma série de rupturas que perpassam desde a cosmologia antiga e sua relação com a moral⁵, além da concepção medieval acerca

⁵ As rupturas às quais faz-se referência neste ponto dizem respeito à mudança operada no universo mental dos homens da antiguidade à modernidade, sobretudo no que mais interessa ao presente trabalho, o aspecto moral. Com efeito, sabe-se que entre os antigos, e a obra de Platão bem o mostra, há uma concepção cosmológica hierarquizada, isto é, há uma ordem e uma medida no cosmos, no qual todas as coisas tem um lugar natural. No aspecto moral, estas mesmas características incidem, com a noção, por exemplo, de um bem ao qual os homens devem se subordinar e buscar alcançar. Há uma hierarquia dos valores e uma finalidade da ação dos homens. Com o surgimento da modernidade, tendo em suas raízes as transformações operadas pela

destes aspectos, até a grande contribuição dada por Hobbes, que fundamentará em boa parte as teorias acerca da vida passional do século XVIII, do qual buscar-se-á apresentar, no tópico seguinte, as contribuições para os autores que tematizaram o desejo no século XVIII, bem como a ligação existente com o pensamento de Sade.

2.2. Hobbes: O Homem como ser desejante e as suas contribuições para a filosofia de Sade.

Lançando mão da fundamentação presente na obra da maior parte dos filósofos pertencentes à modernidade, o conhecimento, Hobbes, em *O Leviatã* parte de uma análise do homem que o identifica, antes de mais, como um ser sensível. Isto significa que o meio através do qual o homem tem contato imediato com o mundo são os órgãos dos sentidos a partir dos quais é capaz de conhecê-lo, de forma que afirma não haver nada na mente que antes não tenha sido dado na sensação. Concebe, dessa forma, o processo de conhecimento como partindo da afetação que os nossos órgãos dos sentidos recebem dos objetos, gerando assim uma sensação, que não é senão um movimento, o qual segue por meio de nossos nervos até o cérebro formando uma ilusão ou imagem.

Nesse sentido, a imaginação é concebida como uma sensação fraca ou obscurecida, uma vez que decorre desta e que já não possui mais a mesma força do movimento com que foi originada devido a ação do tempo. A experiência, parte constituinte dos homens, é formada por uma série de sensações, e depois dá origem à memória.

A fundamentação de sua filosofia é construída a partir de uma teoria do movimento, o qual tem a imaginação como a primeira origem interna de todos os movimentos voluntários, isto é, internamente, a própria imaginação enquanto um

revolução científica, a concepção hierarquizada do universo é rompida. O espaço torna-se uno, não mais dividido em esferas, instaura-se o heliocentrismo e o universo homogeneiza-se. A forma teleológica de pensar o cosmos dá lugar a um materialismo mecanicista. Desse modo, o aspecto moral também sofre uma profunda ruptura. Ora, se antes das rupturas operadas pela modernidade, um objeto só é desejado porque é antes reconhecido como um bem, e em primeiro momento amado. Ama-se, portanto o bem, tornando-o por isso mesmo desejado; Com o seu surgimento não há mais a noção de um bem objetivo, o qual deve ser a finalidade das ações humanas. Essa concepção sofre seu grande golpe com Thomas Hobbes, o qual demonstra (como explica-se no tópico seguinte) que um objeto só torna-se bom ou mal porque o desejamos, e não o desejamos porque seja bom ou mal. ...Instaura-se uma nova concepção acerca dos fundamentos da vida passional. É o surgimento da concepção hobbesiana de homem desejante.

movimento, é a causa dos movimentos voluntários tais como andar, falar ou mover qualquer membro. Contudo, além do movimento voluntário, há uma outra espécie de movimentos, a saber, os que começam com a geração e que continuam sem interrupção durante toda a vida, tais como, a circulação do sangue, o pulso, a respiração, a digestão, a nutrição e a excreção.

Cabe ainda ressaltar que a imaginação enquanto movimento originante dos movimentos voluntários, tem como causa de seu próprio movimento a sensação, que por sua vez é um movimento causado pela afetação dos nossos órgãos dos sentidos com os objetos do mundo exterior. Como esclarece o autor na seguinte passagem:

Há nos animais dois tipos de movimento que lhe são peculiares. Um deles chama-se vital; Começa com a geração e continua sem interrupção durante toda a vida. Deste tipo são a circulação do sangue, a pulsação a respiração, a digestão, a nutrição, a excreção etc. Para estes movimentos não é necessária a ajuda da imaginação. O outro tipo, dos movimentos animais, também chamados movimentos voluntários, como andar, falar, mover qualquer dos membros, da maneira como primeiro imaginamos em nossa mente. A sensação é o movimento provocado nos órgãos e partes inferiores do corpo do homem pela ação das coisas que vemos, ouvimos etc., e a imaginação é apenas o resíduo do mesmo movimento, que permanece depois da sensação, conforme já disse nos capítulos I e II. E dado que andar, falar e os outros movimentos voluntários dependem sempre de um pensamento anterior de como, onde e o que, é evidente que a imaginação é a primeira origem interna de todos os movimentos voluntários. (HOBBS, 2008, p. 46-47.)

Segundo sua concepção acerca da natureza humana, a qual nos interessa aqui, o homem é um ser desejante que age em função da satisfação de seus desejos, e, por isso mesmo, ao querer garantir para si aquilo que deseja, entra em conflito com os outros homens que estão sujeitos à sua mesma condição, é o chamado estado de guerra de todos contra todos. Nesse sentido, há um movimento que surge em função da conservação da própria espécie humana, é o movimento de criação de um homem artificial (o Estado) que passa a ser responsável por regular as relações entre os homens, através de artifícios que freiem as paixões naturais dos homens, permitindo assim o estabelecimento de uma vida social, onde o constante conflito seja amenizado e todos possam ter direitos e deveres. Tem-se então, a criação de artifícios como leis, o direito e outros que fundamentam um pacto criado entre os homens, com a abdicação de seus direitos individuais em detrimento da própria conservação da existência humana. Quanto às considerações acima,

acerca da natureza humana e da condição decorrente da forma como esta é constituída, Hobbes coloca:

(...) os homens não tiram prazer algum da companhia um dos outros, (e sim, pelo contrário, um enorme desprazer), quando não existe um poder capaz de intimidar a todos. Porque cada um pretende que o seu companheiro lhe atribua o mesmo valor que ele se atribui a si próprio e, na presença de todos os sinais de desprezo ou de subestimação, naturalmente se esforça, na medida em que a tal se atreve (o que, entre os que não tem um poder comum capaz de manter a todos em respeito, vai suficientemente longe para levá-los a se destruírem uns aos outros), por arrancar dos seus contendores a atribuição de maior valor, causando-lhes dano, e de outros também, pelo exemplo.(...) Portanto, tudo aquilo que se infere de um tempo de guerra, em que todo homem é inimigo de todo homem, infere-se também do tempo durante o qual os homens vivem sem outra segurança senão a que lhes pode ser oferecida pela sua própria força e pela sua própria invenção.(HOBBS, 2008, p.108-109)

Observa-se, desse modo, que os dois aspectos principais constituintes da natureza humana são o desejo e o egoísmo, concepção que origina, entre os modernos, aquilo que Monzani chama de “antropologia do egoísmo”.

Ora, feitas tais considerações sobre a filosofia de Hobbes, ressalta-se ainda um último ponto, que tem conseqüências no plano moral, o qual veremos, influencia diretamente a filosofia de Sade. Tal ponto, esclarece-se aqui, diz respeito às noções de bem e de mal, tão caras para a filosofia de Sade.

É sobretudo nos capítulos “IV- Da linguagem” e “VI- Da origem das paixões”, que Hobbes constrói sua argumentação acerca do relativismo do bem e do mal. Para compreensão do ponto em questão, é mister ressaltar-se que a fundamentação desta noção está no que o filósofo chama de “relação” e na sua concepção acerca das constituições individuais. Ora, no capítulo em que trata da linguagem, ao abordar a relação entre esta e a mente humana⁶, especificamente a questão da falsidade e verdade de uma dada proposição, Hobbes afirma que estas dependem da linguagem, portanto da relação estabelecida entre a linguagem e o objeto, como observamos na seguinte passagem:

Pois o verdadeiro e o falso são atributos da linguagem, e não das coisas. E se não existir linguagem, não há nem verdade nem falsidade. Pode haver erro, como quando esperamos algo que não acontecerá ou quando

⁶ Para Hobbes, o uso geral da linguagem consiste em passar nosso discurso mental para um discurso verbal, ou a cadeia de nossos pensamentos para uma cadeia de palavras.

suspeitamos algo que não aconteceu. Mas em nenhum destes casos se pode acusar um homem de inveracidade. (HOBBS, 2008, p.34)

Observa-se, portanto que a veracidade ou falsidade dependem da relação estabelecida entre a linguagem e o objeto, não podendo existir, dessa forma, tais valores de maneira absoluta. O que chama a atenção, e é a maneira como acompanha-se o argumento de Hobbes no presente trabalho monográfico, é o fato de o autor colocar em um capítulo posterior, o sobre a origem das paixões, o lugar de bem e mal justamente no que chama de “relação”, quando fala da linguagem:

(...) seja qual for o objeto do apetite ou desejo de qualquer homem, esse objeto é aquele a que cada um chama bom; ao objeto do seu ódio e aversão chama mau, e ao do seu desprezo chama vil e insignificante. Pois as palavras “bom”, “mau” e “desprezível” são sempre usadas em relação à pessoa que as usa. Não há nada que o seja simples e absolutamente, nem há nenhuma regra comum do bem e do mal que possa ser extraída da natureza dos próprios objetos. Ela só pode ser tirada da pessoa de cada um (quando não há república) ou então (numa república) da pessoa que a representa. (HOBBS, 2008, p.48)

Tal ligação permite que se compreenda como se configura a argumentação de Hobbes. Uma vez que os valores, tais como o de falsidade e veracidade repousam sobre a relação entre linguagem e objeto, o bem e o mal, por serem aquilo que “chamamos”, portanto utilizamos linguagem para identificá-los, dependem da relação estabelecida por cada sujeito, entre a linguagem e o objeto. Entende-se, dessa forma, que bem e mal não são absolutos, e sim relativos, já que dependem, como coloca o autor, da pessoa de cada um, salvo a existência de uma república que convencie tais valores.

O outro elemento que fundamenta como já foi dito, a noção hobbesiana do relativismo do bem e do mal, é a sua concepção sobre a diversidade das constituições individuais, a qual caracteriza que a constituição corporal dos homens encontra-se em constantes modificações, o que leva a sempre desejarem objetos diferentes, de forma variada e prolongada, configurando assim, já que desejo e aversão, segundo Hobbes, sempre tem como objetos um bem ou um mal, um relativismo moral, onde bom para um, pode ser mal para outro e vice-versa. Compreende-se, com efeito, seguindo a linha argumentativa proposta anteriormente, o relativismo moral de Hobbes, que como dissemos, será tão caro à filosofia Sadiana. Desse modo, anuncia o autor:

Toda essa análise dos mecanismos passionais, de sua fonte, e de seus efeitos, tem como consequência inevitável o abandono das noções tradicionais de bem e de mal como realidades objetivas e seu redimensionamento em função do desejo do sujeito. A lógica de Hobbes é inflexível: assumindo integralmente o mecanismo (e, desse ponto de vista, é mais coerente que Descartes, no sentido que postula um único tipo de inteligibilidade para a totalidade do universo), desfinaliza totalmente o universo objetivo, só admitindo um tipo de finalidade, a subjetiva- decorrente desse mecanismo, como já vimos- que passa a ser agora o quadro de referência de onde brotam os valores. Esse é o sentido mais fundo da fórmula: não desejamos as coisas porque são boas, mas elas são boas porque desejamos. (MONZANI, 1995, p.84)

Ora, todas estas considerações feitas acerca da filosofia de Hobbes, a saber, sobre o egoísmo e o aspecto desejante da natureza humana, sobre a condição de guerra, bem como sobre o relativismo acerca do bem e do mal, esclarecem a interrogação formulada inicialmente sobre o desejo e de que forma é discutido modernamente, além de direcionar o caminho para a compreensão da ligação entre Sade e as concepções filosóficas de seu tempo. Assim:

(...) de Hobbes a Holbach e Sade, assistimos à cristalização da ideia de que na sua condição natural, os homens são o lugar da manifestação de uma pluralidade indefinida de desejos (e prazeres), sem que haja nenhuma hierarquia, subordinação ou mesmo valorização. Cada organização individual determina o desejo e seu grau. Desse modo, a noção de corpo, como lugar particular da organização, ganha relevo, e será a partir dele, assim entendido, que o sujeito se definirá: como corpo singular desejante. (MONZANI, 1995, p.86-87)

Dessa forma, percorrido o caminho do pensamento de Hobbes sobre as noções apresentadas acima, elabora-se a seguinte síntese, que permite ligar Sade à concepção moderna de desejo, bem como aos autores materialistas citados por Monzani, sobre os quais não aprofunda-se aqui, em função do caráter do presente trabalho, monográfico, não o permitir, devido seu objeto de estudo ser a filosofia de Sade.

O filósofo libertino liga-se aos materialistas, bem como a Hobbes, que os influencia, primeiro:

- 1) Por compartilhar de uma antropologia na qual o homem é identificado como ser desejante;
- 2) Uma vez entendido o âmbito da natureza humana enquanto desejante, Sade entende o estado de natureza como espaço da discórdia e do

conflito, além de compreender como causa, a existência de uma diversidade de constituições individuais;

- 3) Por entender que bem e mal não possuem realidades objetivas, mas que residem no movimento inerente à constituição passional de cada indivíduo, onde entende-se que o que é bom para um, pode ser mal para outro.

Chega-se, desse modo, à hipótese que permite responder ao segundo problema que apresentou-se inicialmente, a saber, como o desejo, tendo sido discutido por toda uma tradição moderna, que tem sua principal fundamentação em Hobbes, tem no pensamento de Sade um de seus principais reflexos. Para a apresentação dos pontos apresentados na síntese, a presente pesquisa recorre à obra *A filosofia na Alcova*, a qual contém elementos fundamentais da filosofia de Sade. Contudo, antes de entrar-se propriamente nos pormenores de sua filosofia, compreendendo-se assim efetivamente sua ligação com as ideias filosóficas modernas a respeito da vida passional do homem, é mister apresentar-se, mais detalhadamente, o contexto no qual está inserido, o período do iluminismo.

2.3. O espírito das luzes

Para falarmos do período em que surge a obra do marquês, o século XVIII, conhecido como século das luzes, é mister recorrer aqui a uma passagem da obra *Elementos de filosofia* do filósofo e matemático D'Alembert, citada por Cassirer em seu *A filosofia do iluminismo*, que parece pintar de maneira sucinta o espírito vivenciado pela época:

(...) desde os princípios das ciências profundas até os fundamentos da revolução, desde a metafísica até as questões de gosto, desde a música à moral, desde as disputas escolásticas dos teólogos até os objetos de comércio, desde os direitos dos príncipes aos direitos dos povos, desde a lei natural até as leis arbitrárias das nações, numa palavra, desde as questões que mais profundamente nos tocam até as que só superficialmente nos interessam, tudo foi discutido, analisado, e, no mínimo, agitado. Uma nova luz sobre alguns objetos, uma nova obscuridade sobre vários, foi o fruto ou consequência dessa efervescência geral dos espíritos: tal como o efeito do fluxo e do refluxo do oceano é carregar para as praias alguns materiais e delas afastar outros. (D'ALEMBERT apud CASSIRER, 1997, pág. 19).

Tal passagem é um testemunho claro da efervescência intelectual do chamado século das luzes. Herdeiros de um movimento de pensamento iniciado no século XVII por autores como Descartes e Locke, os pensadores do XVIII buscaram um tipo de filosofia que não se constituía enquanto um conhecimento separado das outras áreas do saber, mas enquanto um complexo desses conhecimentos, a possibilidade de reunião do saber.

A expressão desse propósito, o ponto de encontro e o princípio a partir do qual se desenvolve é a razão, a faculdade humana responsável, nas palavras de Kant⁷, por tirar o homem de sua menoridade, isto é, de torná-lo um sujeito capaz de pensar, raciocinar e por assim dizer, analisar independente de outrem. Seguindo, talvez, a consideração cartesiana⁸ acerca da universalidade do bom-senso ou razão, a capacidade de bem distinguir o verdadeiro do falso, os autores dos setecentos construíram um saber complexo que pudesse ser acessível à todos e que se centraliza na figura da *Encyclopédie ou Dictionnaire Raisonné*. Com efeito, se bem observamos o subtítulo da Enciclopédia, *par une société de gens de lettres*, verificamos que é direcionada não apenas a pesquisadores, filósofos, ou um grupo pequeno de homens, mas para uma sociedade de pessoas letradas, isto é, de homens que possuem razão e são capazes de dominar o saber. O empreendimento reunia diversos artigos sobre as mais diferentes áreas e não se limitava a apresentar informações de maneira objetiva e imparcial, ou seja, além de trazer dados sobre o objeto a que se destinava, o artigo possuía considerações desenvolvidas pelo seu autor. Um exemplo que ilustra tal afirmação é o verbete *Genebra*, da Enciclopédia de volume G, no qual seu autor, D'Alembert, apresenta a geografia, a economia, a religião e outros aspectos constituintes dessa república, e explicitamente faz considerações sobre a posição defendida pelos magistrados genebrinos de não aceitarem a instalação de um teatro de comédia no interior de sua cidade, incitando-os a reestruturarem suas leis e seus costumes⁹.

Luiz Roberto Salinas, no seu *O iluminismo e os reis filósofos*, apresenta e sintetiza claramente a proposta da enciclopédia:

⁷ KANT, Immanuel. **Resposta a pergunta: Que é esclarecimento?** Textos Seletos. Tradução Floriano de Sousa Fernandes. 3 ed. Petrópolis, RJ : Editora Vozes, 2005. p. 63-71.

⁸ A respeito do bom senso, ver a primeira parte de: DESCARTES, René. **Discurso do Método**. Tradução: Ciro Mioranza. São Paulo, SP: Editora Escala, 2006.

⁹ Para um aprofundamento desta querela ver: ROUSSEAU, J.-J. **Carta a d'Alembert**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993.

Enciclopédia: emblema das luzes, monumento que a humanidade deve à cultura do século XVIII. Tendo começado a ser publicada em Paris em 1751, seu título completo era: *Enciclopédia ou dicionário raciocinado das ciências, das artes e dos ofícios, por uma sociedade de homens de letras. Organizada e publicada por Diderot... e quanto à parte matemática por d'Alembert. Não era uma 'enciclopédia' como outra qualquer, como se vê pelo título. Seus verbetes não são simples justaposição de informações disparatadas. Dedicava-se sobretudo às ciências, às artes e aos ofícios e busca mostrar as ligações que se estabelecem entre seus diferentes setores.*(SALINAS, p.47,1981)

Século da razão, época em que o ideal de progresso ganha um lugar de destaque, o iluminismo é então este período de emancipação da escuridão da ignorância, da insaciável sede pelo conhecimento, motivo pelo qual todos os aspectos do real são submetidos à análise racional. Tanto a realidade material, quanto a psíquica e até mesmo a social tornam-se objetos de uma investigação racional que inquire sobre os fundamentos. Como bem observamos na seguinte passagem:

A faculdade de pensar, assim que é despertada no homem, fá-lo erguer-se incansavelmente contra essa espécie de realidade. A sociedade é intimada a comparecer perante o tribunal da razão, interrogada sobre a legitimidade de seus títulos, sobre os fundamentos de sua verdade e de sua validade (CASSIRER, 1997, p. 39)

O aspecto social do homem, com suas instituições, convenções e artifícios são questionados igualmente aos outros aspectos da realidade. Nessa perspectiva, através de romances e contos de cunho filosófico, Donatien Alphonse de Sade liga-se ao movimento iluminista com uma escrita que analiticamente põe em questão tudo o que tradicionalmente foi aventado pela sociedade. Nascido em Paris a 2 de junho de 1740, Sade entra para a história da literatura como um autor maldito, que aborda em sua obra questões como o crime, o incesto, a coprofilia, a traição, os vícios e vários outros temas que frequentemente são considerados chocantes. Com as considerações acerca do iluminismo, período no qual viveu Sade, bem como sobre de que maneira liga-se ao movimento, pretende-se discutir, no próximo capítulo, os princípios fundamentais da filosofia de Sade, tais quais seus conceitos de natureza, vícios, virtudes, além dos procedimentos de negação da moral cristã. Nesse intento, busca-se ressaltar os pontos já citados anteriormente, que ligam

Sade à filosofia moderna acerca dos fundamentos da vida passional, originada com Hobbes.

3. A FILOSOFIA DE SADE

Natureza, virtudes, vícios e negação da moral cristã. É em consonância com os principais problemas do século XVIII que Sade busca construir seus romances e contos. Tomando partido de um “sistema”, como refere-se ao seu próprio pensamento desenvolvido em suas obras, o marquês discute com os principais filósofos do iluminismo, tais como Voltaire e Rousseau, e busca desenvolver uma filosofia que tem como princípio uma noção de natureza enquanto causa originante e reguladora, um agente universal que determina a constituição individual de cada ser vivo, bem como seu modo de ação. Na constituição desta natureza, compreende uma particular noção de destruição, que não aprofundamos no desenvolvimento do capítulo, que iguala-se à criação, uma vez que, na concepção sadiana, toda matéria destruída transforma-se gerando meio de criação de novas formas de vida. Estas noções fundamentais constroem a sustentação do romance *A filosofia na Alcova*.

3.1. A educação de Eugénie e *A filosofia na Alcova*.

A principal obra, objeto da presente pesquisa, é o romance filosófico *A filosofia na Alcova*, a qual divide-se em 6 diálogos, nos quais encontramos os princípios da filosofia de Sade, os quais desenvolveremos nos próximos tópicos, a saber, a natureza, suas noções acerca das virtudes e dos vícios, bem como a negação e ridicularização da moral cristã operada pelo autor. A obra centraliza-se na educação de Eugénie, uma garota de quinze anos conhecida pela personagem Saint-Ange em um convento. Esta, uma libertina, apaixona-se pela garota e investe sua sedução em seu pai, para que ele não desconfie de suas verdadeiras intenções com a garota, isto é, iniciá-la nos princípios filosóficos da libertinagem.

Outro personagem de importância fundamental para a obra é o libertino Dolmancé, o qual assume o papel de preceptor da garota, ao lado de Saint-Ange, e passa a incutir os preceitos libertinos na educação de Eugénie. O cenário principal, onde se desenrolam as práticas libertinas, e a unção da teoria à prática é o que na

tradução utilizada chama-se Alcova¹⁰. Em francês o termo se escreve *Boudoir*, sendo alcova um termo próximo em português, que segundo Eliane Robert Moraes, pouco diz a respeito do que Sade realmente quisera identificar. O Boudoir é o espaço da síntese da libertinagem, o lugar de união da teoria e da prática, isto é, da enunciação das dissertações filosóficas acerca do corpo, do desejo, do prazer, da natureza e do modo de proceder nas orgias e da prática dos princípios enunciados. É um espaço que representa a intimidade, a vida privada, o recanto de afloramento de nossas paixões, determinações da natureza. Segundo MORAES (1994, p.183): o boudoir contém os elementos do lar: o leito, na otamana, objeto emblemático da volúpia; a educação, na rigorosa conjugação de teoria e prática que orienta a atividade dos preceptores libertinos;

Eugénie, depois da passagem a alcova, e após receber a instrução de todos os princípios da libertinagem, bem como as justificações do crime, participa da sodomização e flagelação de sua mãe, Mme. de Mistival, finalizando a cena costurando seus genitais para garantir a morte lenta.

Entre o 5º e o 6º diálogo da obra Sade apresenta um panfleto intitulado *Franceses, mais um esforço se quereis ser republicanos*, no qual trata da religião e dos costumes, rechaçando Deus e a religião na composição de um projeto republicano, para que o pensamento racional possa substituí-los por um agente que conduza os homens à felicidade, a natureza. Contudo, por assumir um caráter político, opta-se por não abordar o panfleto no presente trabalho, uma vez que as considerações ali presentes demandam uma pesquisa com especificidades diferentes das propostas aqui.

3.2. A natureza: Causa originante e reguladora.

Em *A Filosofia na Alcova*, tendo aceito ser iniciada na filosofia libertina, a garota Eugénie passa a ser instruída pela senhorita Saint-ange e pelo libertino Dolmancé. Aos poucos conhece o corpo do homem, seu órgão sexual, bem como o da mulher, e aprende os meios através dos quais pode dispor de seus sentidos de

¹⁰ Eliane Robert Moraes, em *A felicidade Libertina*, chama a atenção para a ambigüidade da tradução de Boudoir por Alcova. No português a palavra significa aposento, recâmara, quarto de dormir.

modo que possa alcançar o grau máximo de prazer. Na obra discute-se também o estatuto das virtudes, a finalidade de seu uso, se pode se justificar o sacrifício de nossos desejos naturais em função destas, além de se afirmar o caráter virtuoso da crueldade. Durante o processo pedagógico, a educanda, Eugénie, apresenta algumas dúvidas a seus preceptores, as quais, isto torna-se evidente, direcionam o romance para a apresentação dos princípios da filosofia de Sade.

Com efeito, uma das questões apresentadas pela personagem, diz respeito à existência de certas ações revoltantes e criminosas, incitadas por seus preceptores, que podem atentar contra a vida humana, o que trás suspeitas à jovem garota. E neste ponto, a discussão encaminha-se para a concepção sadiana de natureza, a partir da qual o libertino Dolmancé justifica sua resposta à educanda, como bem observamos:

De maneira nenhuma poderíamos concordar com isso, Eugénie. Sendo a destruição uma das primeiras leis da natureza, nada que destrói poderia ser um crime. Como uma ação que serve tão bem à natureza poderia alguma vez ultrajá-la? Aliás, essa destruição que deleita o homem é uma quimera. O assassinato não é destruição. Quem o comete só varia as formas. Ele devolve à natureza elementos de que sua hábil mão se serve para imediatamente recompensar outros seres. Ora, como as criações só podem ser prazer para aqueles que se entregam a elas, o assassino também prepara um gozo para a natureza: fornece-lhe materiais que ela imediatamente emprega, e a ação que os tolos tiveram loucura em censurar revela-se apenas um mérito aos olhos desse agente universal. (SADE, 2003, p.66)

Ora, é notório na seguinte passagem o caráter de agente universal atribuído à natureza, o qual, além disso, possui leis. Questiona-se, dessa forma, qual o papel deste agente universal? Quais suas leis de funcionamento? Há uma relação possível entre este agente e a humanidade?

No intento de responder-se a tais questões, faz-se necessário recorrer a outra obra de Sade, que contém detalhadamente a noção de natureza sadiana.

Trata-se aqui de um texto de 1782, *Diálogo entre um padre e um moribundo*, no qual encontramos dois personagens principais, a saber, o padre e o moribundo. O primeiro tenta convencer o segundo a arrepender-se de seus múltiplos desregramentos decorrentes de seus vícios. O moribundo inicialmente demonstra concordar com o Padre, mas logo revela seu ateísmo e passa a invectivar contra aquele demonstrando as incoerências de sua crença e de seus princípios morais.

Neste contexto de discussão verifica-se a noção de natureza enquanto causa originante e reguladora, isto é, um agente universal que dá origem ao universo e os homens que nele habitam, e que é responsável por sua regulação. Com efeito, tal noção contrapõe-se à crença cristã, representada pelo padre, a qual concebe uma causa originante e reguladora, mas dotada de sapiência. Como observamos na seguinte passagem do diálogo:

O Moribundo: Teu Deus é uma máquina que fabricaste para servir tuas paixões; para bel-prazer delas, puseste-a em movimento; mas, desde que ela molestou as minhas, não devias estranhar que eu a virasse pelo avesso (...) minha alma é, meu amigo, o que aprovou à natureza que ela fosse. (...) Procura apenas suas leis para causa única da nossa inseqüência humana; e não procures em suas leis outros princípios que não suas vontades e suas necessidades.

O Padre: Assim, portanto, tudo é necessário no mundo.

O Moribundo: certamente.

O Padre: mas, se tudo é necessário tudo é regulado, portanto. (...) E quem pode regular tudo como é, exceto uma mão poderosa e sapiente?

O Moribundo: É ou não necessário que a pólvora se inflame quando se lhe lança ao fogo?

O Padre: Sim.

O Moribundo: E que sapiência encontras nisso?

O Padre: nenhuma.

O Moribundo: Logo, é possível que haja coisas necessárias sem sapiência e possível, conseqüentemente, que tudo derive de uma causa primeira, sem que haja razão nem sapiência nessa primeira causa (SADE, 1961, p.71).

Dessa forma, o moribundo refuta o Padre e apresenta sua concepção de natureza que constitui-se enquanto causa originante e reguladora sem que necessariamente haja em si uma sapiência. É importante ressaltar-se que esta mesma concepção, como colocou-se, aparece em *A Filosofia na Alcova*, e, podemos afirmar, é o fundamento a partir do qual todos os argumentos filosóficos da obra serão sustentados, inclusive a concepção sadiana de virtude, da qual tratar-se-á posteriormente. Uma vez esclarecido o papel da natureza, cabe agora analisar-se a relação que esta mantém com a humanidade e quais suas leis de funcionamento.

A argumentação sadiana tem uma fundamentação explícita. A natureza, enquanto causa originante e reguladora, dá origem e determina, por assim dizer, o modo como deverão agir os homens. E as duas principais leis a partir das quais funciona e regula o modo de agir do homem são a crueldade e o desejo sexual, aos quais, atribui-se o nome de “impulsos da natureza”, nas palavras do próprio autor.¹¹

¹¹ Não é surpresa caso a seguinte passagem possa despertar relação com as considerações de Freud em *O mal estar na civilização*. Sabe-se que para este autor, a sociedade constrói-se, sobretudo

Assim, o raciocínio estrutura-se da seguinte forma: A natureza, enquanto causa originante e reguladora, agente universal, determina o modo como devem agir os homens. Suas leis de funcionamento são a crueldade, a qual será discutida posteriormente, e o desejo sexual. Deve-se agir, portanto de acordo com estes dois aspectos, o que justifica o assassinato, na obra sadiana, em nome do prazer individual, e da efetivação das outras determinações da natureza. Como aparece na fala do personagem Dolmancé, na seguinte passagem:

Acreditamos que a natureza pereceria se nossa maravilhosa espécie desaparecesse do globo, quando a destruição total dessa espécie, restituindo à natureza a faculdade criadora que ela nos cede, lhe devolveria a energia¹² que lhe roubamos ao nos propagarmos. Mas que inconseqüência, Eugénie! Então um soberano ambicioso poderá destruir à vontade e sem o menor escrúpulo os inimigos nocivos a seus projetos de grandeza... leis cruéis, arbitrárias, imperiosas, poderão da mesma forma assassinar em cada século milhões de indivíduos... e nós, fracos e infelizes particulares, não podemos sacrificar um único ser às nossas vinganças ou aos nossos caprichos? Existe algo mais bárbaro, mais ridiculamente estranho? E não devemos, sob o véu do mais profundo mistério, nos vingar amplamente dessa inépcia? (SADE, 2003, p.66)

Tal concepção justifica também o modo como devem proceder as mulheres, que segundo SADE (2003, p.48) devem “pertencer a todos os que a desejarem”, pois “o destino da mulher é ser como a loba e a cadela”. Além disso, encerra suas considerações sobre a questão colocando: “Qualquer que seja, querida, o estado de uma mulher, moça, casada ou viúva, ela não deve ter outra meta, ocupação ou desejo senão foder de manhã até a noite. Foi para este único fim que a natureza a criou.”

É notório o determinismo presente nestas considerações. Deve-se ceder aos desejos que a natureza incutiu nos homens, e isto significa obedecer a suas leis, o

por criar dispositivos que anulem os dois aspectos principais constituintes da natureza humana, a saber, a agressividade e o desejo instintivo sexual. Contudo, a similaridade entre os modos de raciocinar dos autores requer árdua pesquisa para ser totalmente apresentada, com isso, deixa-se apenas a seguinte questão: Estariam em Sade as raízes da psicanálise freudiana? Teria o libertino mais contribuições a dar á psicanálise, de um ponto de vista filosófico, do que meramente como objeto de estudos patológicos?

¹² A respeito da questão da energia no pensamento do Marquês de Sade, os trabalhos científicos no Brasil ainda são escassos, de modo que o único trabalho encontrado hoje, segundo nossas pesquisas, é a pesquisa de pós-doutoramento na Usp, ainda não concluída, da professora Clara Carnicero de Castro, intitulada *A filosofia elétrica do marquês de Sade*, a qual pode ser encontrada no endereço: http://filosofia.fflch.usp.br/sites/filosofia.fflch.usp.br/files/posdoc/projetos/2012_proj_pesquis_a_clara.pdf.

que permite ao homem o alcance da felicidade, só possível caso não se ultraje as determinações da natureza.

Uma vez analisado o conceito de natureza na obra sadiana, busca-se analisar, a seguir, a compreensão de Sade acerca dos vícios e virtudes, bem como, especificamente, sua noção de crueldade.

3.3. Vícios, virtudes e a refutação do “sistema”¹³ rousсенiano.

A inserção de Sade na disputa filosófica do século XVIII sobre os problemas morais, virtudes e vícios, se dá ao posicionar-se contra os dois grandes campos que discutiam tais questões. De um lado, os pensadores cristãos que baseavam a moral em princípios transcendentais, tais como a negação do corpo para a elevação da alma (que Sade irá levantar-se contra ferozmente) e do outro lado os filósofos que sustentavam a bondade natural do homem. Sade levanta-se contra essas duas concepções, não aceitando nem a bondade natural do homem, tomando partido da crueldade, como será considerado mais a frente, nem os princípios religiosos, pois até mesmo desenvolve um estilo de escrita que rechaça com a moral cristã, discussão do próximo tópico. Sobre a posição de Sade na querela moral, explica SERRAVALLE (2008, p.369):

Sade se integra na disputa filosófica do século XVIII, com o intuito de desafiar os dois grandes campos adversários que debatiam os fundamentos da moral. Como explica Domenech (1989), de um lado se colocavam os pensadores cristãos, que postulavam a impossibilidade do homem encontrar a salvação sem a ajuda do princípio divino. Estes filósofos da religião fundamentavam a moral em princípios transcendentais, ou seja, a redenção só ocorreria pelo o intermédio de Deus. Do outro lado havia os filósofos do otimismo antropológico, que sustentavam a bondade natural do homem como princípios ‘iminentes’, isto é, verdade universais que poderiam ser encontrados dentro de cada um.

A noção sadiana acerca dos vícios e virtudes tem sua chave de compreensão no conceito anteriormente apresentado de natureza. Com efeito, a discussão em

¹³ No título aparece a palavra sistema por ser a mesma que Sade utiliza para referir-se à filosofia de Rousseau em *A filosofia na Alcova*. O sentido de “sistema”, utilizado na presente monografia para referir-se ao pensamento de Rousseau, não equivale ao sentido das filosofias da tradição moderna anteriores ao século XVIII. Com o termo busca-se identificar apenas o conjunto das ideias gerais da filosofia do genebrino. No caso específico, o conjunto de suas ideias sobre natureza, bondade, piedade e amor de si, as quais Sade ataca e crê refutar.

torno destes dois temas, vícios e virtudes, entra em cena quando a educanda Eugénie, questiona-se sobre o modo de proceder do libertino. Ao questionar sua preceptora Saint-Ange sobre o termo *puta*, Eugénie tem como resposta que chama-se desse modo as vítimas públicas do deboche dos homens, sempre prontas a se entregarem ao temperamento deles ou ao seu interesse, e afirma que as libertinas devem sentirem-se honradas com tal insulto. Em seguida a jovem coloca:

Oh, imagino o quanto, querida. Também não me zangaria se mo dirigissem, muito menos se merecesse o título. Mas a virtude não se opõe a uma tal conduta, e não a estamos ofendendo nos comportando assim? (SADE, 2003, p.37)

Com tal questionamento, recebido de sua aluna, a preceptora passa a discutir o estatuto das virtudes em termos de realidade ou aparência.

A análise desenvolvida pelo filósofo libertino é construída a partir de sua concepção de natureza enquanto causa originante e reguladora, como o princípio determinante da constituição humana em sua complexidade, isto é, tanto no aspecto biológico, quanto no moral. Pela análise Sadiana passam a piedade, que nada vale para quem não crê na religião, a castidade, só possível através de um aviltamento da natureza, bem como a beneficência e outras “virtudes” que segundo o autor não senão frutos do orgulho e do amor próprio¹⁴. É o que aparece nas palavras do personagem Dolmancé:

Ah, renuncia às virtudes, Eugénie! Haverá algum sacrifício feito a essas falsas divindades que valha um só minuto dos prazeres que sentimos ultrajando-as? Ora, a virtude não passa de uma quimera cujo culto consiste em imolações perpétuas, em inúmeras revoltas contra as inspirações do temperamento. Serão naturais tais movimentos? Aconselhará a natureza o que a ultraja? Eugénie, não te deixes enganar por essas mulheres que ouves chamar virtuosas. Se queres, elas não servem às mesmas paixões que nós, mas possuem outras quase sempre bem mais desprezíveis: a ambição, o orgulho, os interesses particulares, e frequentemente uma frieza de temperamento que nada lhes aconselha.(...) Não seguem apenas as impressões do amor próprio? Será então melhor, mais sensato e apropriado, sacrificar antes ao egoísmo do que às paixões? Para mim, creio que um vale bem o outro. Mas que só ouve esta última voz provavelmente tem muito mais razão, já que ela é apenas o órgão da natureza, enquanto o outro o é da tolice e do preconceito. (SADE, 2003, p.37)

¹⁴ A análise das virtudes desenvolve-se através de um procedimento genealógico. Tal qual Rousseau, que buscou demonstrar, no seu *Primeiro Discurso*, a origem das ciências e das artes a partir de vícios, Sade demonstra que virtudes como a beneficência, a caridade e a piedade, são na verdade originadas de vícios, ou melhor, são vícios com aparência de virtudes.

Tal exame leva o marquês a constatação de que as chamadas “virtudes” são sempre decorrentes de vícios e que só existem quando se ultraja a natureza. O raciocínio sadiano parte, portanto, como já foi dito, da compreensão de que há na origem e regulação do mundo um agente universal, a natureza, que determina o homem no que diz respeito à sua constituição física, e também no plano moral.

Há, contudo na filosofia sadiana a defesa e exaltação de uma verdadeira virtude, que é determinada nos homens por este mesmo agente universal. Fala-se aqui da crueldade. Neste ponto, Sade ataca diretamente seu contemporâneo, Rousseau.

Sabe-se que o genebrino, em seu *Segundo Discurso*, com a intenção de investigar a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens e para poder julgar o seu estado atual, coloca a necessidade de recorrer à essência do homem, e para tanto, parte de um estado hipotético de natureza, já que, segundo ele, qualquer ideia de direito entre os homens, que recai justamente na investigação política, principalmente o direito natural, são ideias relativas à natureza humana, como escreve no prefácio do seu *Segundo Discurso*:

Essas pesquisas são tão difíceis de se fazerem, e nas quais se pensou tão pouco até agora, são contudo os únicos meios que nos restam de remover um grande número de dificuldades que nos ocultam o conhecimento dos fundamentos reais da sociedade humana. É essa ignorância da natureza do homem que lança tanta incerteza e obscuridade na verdadeira definição do direito natural, pois a ideia do direito, diz Burlamaqui, e mais ainda a do direito natural, são claramente ideias relativas à natureza do homem. Assim, é dessa natureza do homem, continua ele, de sua constituição e de seu estado que se devem deduzir os princípios dessa ciência. (ROUSSEAU, 1999, p. 152).

Nesse estado de natureza os homens vivem destituídos de noções acerca do bem e do mal e dispersos, sem a necessidade de se unirem a outros para a sobrevivência. A única ferramenta que tinham como meio de manipular a natureza era o próprio corpo, de forma que as nossas capacidades físicas eram mais aguçadas e comparavam-se às dos outros animais. O autor coloca ainda que a perda dessas características mais robustas do homem deve-se a falta de exercícios e ao progresso na indústria, como escreve a respeito:

Sendo o corpo do homem selvagem o único instrumento que conhece, emprega-o em diversos usos, para os quais, por falta de exercício, os nossos são incapazes; e é nossa indústria que nos tira a força e a agilidade que a necessidade o obriga a adquirir. Se tivesse um machado, seu pulso quebraria tão fortes galhos? se tivesse uma funda, lançaria com a mão uma pedra com tanta força? se tivesse uma escada, treparia tão ligeiro numa árvore? se tivesse um cavalo, seria tão rápido na carreira? (ROUSSEAU, 1999, pág. 165).

De fato, pela lógica do raciocínio, pode-se deduzir que se os homens não dispunham de meios para facilitar a manipulação da natureza, as suas habilidades físicas seriam deveras mais desenvolvidas.

Rousseau não vê na vida do homem natural motivos que o levem à vida em sociedade, pois “para o homem selvagem não se constitui como infelicidade a nudez, a falta de habitação e a privação de todas as inutilidades que se acredita serem necessárias”. O homem natural vive o presente, é robusto e bem organizado, apesar de não possuir habilidades específicas, pode aprendê-las todas. O autor explica que o homem, no estado de natureza, conhece como bem apenas a alimentação, uma fêmea e o descanso, e os únicos males como sendo a dor e a fome, e completa afirmando que a morte não faz parte dos males temidos pelo homem, e que ele nem mesmo sabe o que é a morte. Segundo ele, o conhecimento da morte e de seus terrores é posterior ao estado de natureza.

Ainda na primeira parte do discurso, o autor nos apresenta uma faculdade comum aos homens no estado de natureza, que é justamente a capacidade de se aperfeiçoar em função das circunstâncias, desassociada da razão, já que as únicas operações da alma humana no estado natural são perceber e sentir, querer e não querer, desejar e temer. Essa capacidade, que ele emprega o nome de *perfectibilidade*, o que não é senão a razão virtual, juntamente com a capacidade humana de escolha, é o que torna os homens diferentes de todos os animais. É ela quem tira o homem de sua condição originária, ou seja, afasta-o de seu estado natural. Dado isso, cabe recorrer às próprias palavras do autor quando escreve a respeito da *perfectibilidade*:

Seria triste para nós se fôssemos forçados a convir que essa faculdade distintiva e quase ilimitada é a fonte de todas as infelicidades do homem; que é ela que o tira, à força de tempo, dessa condição originária na qual ele passaria dias tranquilos e inocentes: que é ela que, fazendo desabrochar

com os séculos suas luzes e seus erros, seus vícios e suas virtudes, o torna, com o tempo, o tirano de si mesmo e da natureza. Seria horrível ser obrigado a louvar como um ser benfeitor aquele que primeiro sugeriu ao habitante das margens do Orenoco o uso dessas tábuas que ele adapta às fontes de seus filhos e que lhes asseguram pelo menos uma parte de sua imbecilidade e de sua felicidade original. (ROUSSEAU, 1999, Pág.174)

Verifica-se então que a abordagem tomada pelo autor acerca da *perfectibilidade* se constitui de um caráter pessimista, visto que concebe a razão virtual como responsável pela mudança dos homens de seu estado de natureza e pelas conseqüentes desgraças que os assolaram. Desse modo, Rousseau entende que há uma bondade natural no homem, bem como aspectos de sua natureza que fundamentam esta noção, tais como a piedade e o amor-de-si-mesmo¹⁵. A seguinte passagem esclarece a concepção do autor acerca da natureza humana:

Um autor célebre, calculando os bens e os males da vida humana, e comparando as duas somas, achou que a última ultrapassa muito a primeira, e que tomando o conjunto, a vida era para o homem um péssimo presente. Não fiquei surpreendido com a conclusão; ele tirou todos os seus raciocínios da constituição do homem civilizado. Se subisse até ao homem natural, pode-se julgar que encontraria resultados muito diferentes; porque perceberia que o homem só tem os males que se criou para si mesmo, o que à natureza se faria justiça. Não foi fácil chegarmos a ser tão desgraçados. Quando, de um lado, consideramos o imenso trabalho dos homens, tantas ciências profundas, tantas artes inventadas, tantas forças empregadas, abismos entulhados, montanhas arrasadas, rochedos quebrados, rios tornados navegáveis, terras arroteadas, lagos cavados, pantanais dissecados, construções enormes elevadas sobre a terra, o mar coberto de navios e marinheiros, e quando, olhando do outro lado, procuramos, meditando um pouco as verdadeiras vantagens que resultaram de tudo isso para a felicidade da espécie humana, só podemos nos impressionar com a espantosa desproporção que reina entre essas coisas, e deplorar a cegueira do homem, que, para nutrir seu orgulho louco, não sei que vã admiração de si mesmo, o faz correr arduamente para todas as misérias de que é suscetível e que a benfazeja natureza havia tomado cuidado em afastar dele. Os homens são maus, uma triste e contínua experiência dispensa a prova; entretanto, o homem é naturalmente bom, creio havê-lo demonstrado. (ROUSSEAU, 1999, Pág.301)

¹⁵ Segundo Rousseau, os homens no estado de natureza partilhavam de um instinto comum a todos, ao qual o autor chama de *amor-de-si-mesmo*. Um sentimento de querer conservar-se, de preservar seu bem mais precioso, a vida. Porém, tal sentimento é amenizado pela *piedade* a qual caracteriza o reconhecimento de um homem acerca da sua própria realidade em um outro que sofra. Um sentimento de repugnância ao vê-lo sofrer. Com a constituição das sociedades, saída do estado de natureza, o amor de si mesmo perde o dispositivo, pode-se dizer, regulador de sua condição de existência, a piedade, e dá lugar ao amor próprio, sentimento fruto da reflexão que leva os homens a desprezar a condição de sofrimento do outro em face de seu próprio bem estar.

Ora, é justamente quanto a este ponto que Sade investe contra Rousseau. A crueldade não é contrária à natureza, não é conseqüência da depravação. Ela já está na natureza, é, segundo Sade, o primeiro sentimento que a natureza imprime em nós. Sendo, portanto determinada pela natureza, primeiro sentimento dos homens, não constitui-se enquanto um vício, mas como virtude. Deve-se agir, dessa maneira, de acordo com suas inclinações, pois cumpre aos homens efetivarem as aspirações decorrentes da natureza, que tem como meta o prazer. Não por acaso, o filósofo libertino concebe que o meio imposto pela natureza para que o homem alcance o prazer é o sofrimento. A respeito da refutação do sistema rousсенiano, escreve Sade, na dissertação da personagem Saint-Ange:

Reparai, minha cara Eugénie, como essa gente raciocina; e acrescento, graças a minha experiência e meus estudos, que bem longe de ser um vício, a crueldade é o primeiro sentimento que a natureza nos imprime. A criança destrói seu brinquedo, morde a teta de sua ama-de-leite, estrangula seu passarinho, muito antes de atingir a idade da razão. A crueldade está impressa nos animais, em quem, como creio que dissestes, as leis da natureza se têm muito mais energicamente do que em nós; ela está, entre os homens civilizados; logo, seria um absurdo estabelecer que conseqüência da depravação. Este sistema é falso, repito. A crueldade está na natureza. Todos nascemos com uma dose de crueldade que só a educação modifica; mas a educação não está na natureza e prejudica tanto seus efeitos sagrados quanto o cultivo prejudica as árvores.(...) A crueldade não é outra coisa senão a energia do homem ainda não corrompida pela civilização¹⁶; é uma virtude, portanto, e não um vício.(SADE,2003, p.81).

Nada há, para Sade, mais egoísta que a voz da natureza. Como colocou-se, no segundo capítulo, tópico sobre Hobbes, um dos pontos que liga Sade à tradição moderna sobre os fundamentos da vida passional, é o fato de conceber um estado primitivo de guerras e destruição perpétuo, que para o filósofo, é o único vantajoso para a natureza, decorrente do modo como estão constituídos os homens.

Outra noção fundamental, no que diz respeito à questão moral, que permite Sade ligar-se à Hobbes, é a relativização do bem e do mal. Com efeito, ressaltou-se que Hobbes, baseado no que chama de “relação” e na concepção acerca da diversidade das constituições individuais, opera uma relativização das noções de bem e mal, tirando destes, realidade objetiva e dando-lhes um caráter subjetivo.

¹⁶ Tem-se, portanto a necessidade de uma educação que conserve as leis da natureza, tal qual a desenvolvida com Eugénie, as únicas que devem ser consideradas pelos homens, sendo qualquer lei contrária às suas determinações um ultraje.

Além de estarem sujeitos à forma como cada indivíduo é constituído, dependem sempre do clima e dos costumes de determinado lugar, da mesma maneira que Sade o compreende:

Palavras como vício e virtude só nos dão ideias puramente locais. Não existe nenhuma ação, por mais singular que se possa supor, que seja verdadeiramente criminosa, e nenhuma que possa realmente se chamar virtuosa. Tudo se dá em razão de nossos costumes e do clima em que vivemos. O que é crime aqui, frequentemente é virtude cem léguas além. (SADE, 2003,p.46).

Consciente, desse modo, das diferenças morais que decorrem da especificidade de cada lugar, de cada cultura, Sade problematiza o que há de necessário na virtude em termos de vida em sociedade. Tomada por ódio, Eugénie busca saber de seus preceptores quais os meios empregar para tirar a vida de sua mãe. Dolmancé a aconselha agir sozinha e fingir sempre que necessário, ressaltando a necessidade de aproximar-se o bastante da vítima antes de imolá-la. Ainda curiosa a respeito de tal instrução, mais especificamente a respeito da falsidade, Eugénie questiona o libertino se tal maneira de ser é essencial ao mundo, o qual responde:

Dolmancé- Não conheço, sem dúvida, nada mais necessário na vida. Uma verdade incontestável irá vos provar quão indispensável ela é: O mundo inteiro a emprega. Então vos pergunto: por que um indivíduo sincero não haverá de afundar numa sociedade de gente falsa?! Ora, se é verdade, como se pretende, que as virtudes tenham alguma utilidade na vida civil, como aquele que não tem vontade nem poder, ou dom de qualquer virtude, o que acontece a muita gente, como quereis, digo, que tal ser seja essencialmente obrigado a fingir para obter, por sua vez a migalha de felicidade que seus concorrentes lhe roubam? E, de fato, é certamente a virtude ou a sua aparência que se torna realmente necessária ao homem social? Não duvidemos, basta somente a aparência: quem a possui tem tudo. Visto que os homens só se relam no mundo, não lhes é suficiente mostrar sua casca? (SADE,2003,p.74)

Verifica-se que na vida em sociedade apenas a aparência das virtudes é necessária, uma vez que em tal condição os homens a todo momento representam e vivem artificialmente, mascarando seu modo de ser natural¹⁷. Ora, o raciocínio de Sade parte de uma genealogia das virtudes, mostrando que sempre são decorrentes

¹⁷ Não indiferente aos problemas de seu século, Sade discute neste ponto a tão debatida querela entre artificialidade e natureza, a qual aparece nas obras de Voltaire, a exemplo do seu romance *Cândido*, em Rousseau, com os *Primeiro e Segundo* discursos, além do Emílio.

de vícios. Tendo, contudo, a possibilidade de que alguma seja verdadeira por excelência(o que já demonstrou-se ser impossível, pois apenas a crueldade é a verdadeira virtude), na vida em sociedade apenas a sua aparência é necessária, dado o próprio modo de proceder dos homens. Com isso, está justificado o modo de proceder libertino, que dá ouvidos apenas às determinações da natureza e que vive, portanto de acordo com uma moral que se caracteriza pela crueldade, aspecto fundamental da natureza.

3.4. A negação da moral cristã.

São estas as minhas virtudes- bem como os meus vícios- orgulhosa ira-, tudo levando ao extremo, de um desajustamento do pensamento face aos costumes que não tem igual, ateu até o fanatismo, eis em duas palavras o que eu sou, por isso, mais uma vez digo, matai-me ou aceitai-me tal como sou, porque nunca mudarei.(SADE,1996,p.76)

Com efeito, estas são as palavras de Sade em uma carta de 1783 à Madame de Sade. “Ateu até o fanatismo”, o que nos prova que o Sade dos romances, dos contos e o homem eram apenas um só. A repulsa do marquês pelos princípios cristãos, pela religião, pelas virtudes pertencentes a esta, não se justifica por razões meramente subjetivas, no sentido de optar por não seguir a religião de sua época, bem como a moral vigente. A negação da moral cristã operada por Sade, sobretudo através de seus romances e contos, tem justificativas estritamente filosóficas, e fundamenta-se em princípios que não são indiferentes aos objetivos do iluminismo.

Augusto Contador Borges, no posfácio de *A filosofia na Alcova*, intitulado *A Revolução da Palavra Libertina*, explica que, para Sade, a religião e os costumes atrelados à esta, jamais conseguiram ou conseguirão cumprir sua suposta função de tornar os homens felizes, uma vez que compreende serem falsos os fundamentos sobre os quais estão assentados, isto é, Deus e a virtude. Preocupado, desta forma, com a discussão acerca da felicidade, pertinente ao seu século, Sade atribui o alcance desta ao cumprimento das determinações da natureza, isto é, uma vida que tenha como única meta o prazer, o sagrado prazer, buscando-se fazer o que for necessário para este fim.

Dessa forma, através de seus romances e contos, Sade elabora uma linguagem capaz de rechaçar e ridicularizar os princípios da moral cristã, a virtude

quimérica, bem como os costumes sentimentais e brandos pertencentes à ela. Tal linguagem caracteriza-se, quando o objeto de ataque é o discurso sentimental, por cruzar vozes extraídas de discursos diferentes, fazendo ridicularizar e rebaixar a fala das personagens que representam o sentimento e a virtude, como explica Borges, no posfácio de *A Filosofia na Alcova*:

Tal procedimento faz parte da estratégia do texto sadiano, procedimento que o lingüista russo Bakhtin denominou de dialogismo, o diálogo das vozes extraídas de discursos e contextos distintos em planos que se cruzam na narrativa. no caso de Sade, o discurso do outro, ou seja, o objeto lingüístico parodiado, é a fala das heroínas tradicionais dos romances de ideologia sentimental, representada em Sade pela linguagem da vítima. (BORGES, 2003, p.210)

Quando o objeto de ataque é especificamente a moral cristã, a religião e suas virtudes, a linguagem caracteriza-se pela associação do elemento sagrado ao elemento profano, sexual. Um exemplo que ilustra tal consideração são os termos *foutre dieux*. Aparecendo frequentemente em *A filosofia na Alcova*, pode-se traduzi-los, respectivamente, numa única expressão por Deus fodido. Nesse sentido, os libertinos utilizam a expressão no ápice de seu gozo, com o intuito de rechaçar e banalizar o Deus cristão, como aparece na seguinte passagem:

Dolmancé- Que boca deliciosa! Que calor!... Para mim ela se equipara ao mais belo cu!... Mulheres voluptuosas e hábeis, jamais recuseis a vossos amantes esse prazer ; ele os prenderá a vós para sempre...Ah, Deus sagrado!... deus fodido!...
 Saint-Ange- Como blasfemas, meu amigo!
 Dolmancé- Dai-me o vosso cu, senhora... Sim, quero beijá-lo enquanto ela me chupa... e não vos espanteis com as blasfêmias: um dos meus maiores prazeres é injuriar a Deus quando fico de pau duro. Parece que meu espírito, então mil vezes mais exaltado, execra e despreza mais essa quimera nojenta. Queria encontrar um modo de injuriá-la, de ultrajá-la ainda mais; e quando o minhas malditas reflexões me levam à convicção da nulidade desse repelente objeto de meu ódio, irrita-me. (SADE, 2003, p.69).

Ora, cabe uma questão, se Deus é uma mentira, segundo o raciocínio sadiano, qual a necessidade de utilizar uma linguagem que possa execrar e ridicularizar algo que não existe? Não seria uma forma de alimentar o nome de algo inexistente? Não, segundo Sade tal culto indigno poderia ser irremediavelmente destruído caso se buscasse empregar contra ele, desde o nascimento as armas do desprezo e do ridículo.

Ataca, com essa intenção, em *A filosofia na Alcova*, a figura de Deus, Jesus cristo, seus milagres, sua origem, e busca demonstrar operando através de sua linguagem paródica, a insustentabilidade dessas ideias, e como permanecerão ao longo da história através de mentiras. Nos *Contos Libertinos*, sobretudo em *O professor filósofo*, munido ainda da linguagem paródica, Sade trata do problema da consubstanciação, que diz respeito ao fato de Deus, Jesus e o espírito Santo serem um só. No conto, o abade Du Parquet, preceptor do jovem Nerceuil, utiliza-se de um método prático, que permite a compreensão, por parte de seus educandos, de alguns mistérios do cristianismo. Com dificuldade para entender como Deus pai e filho são apenas um só, Nerceuil recorre a seu preceptor, que logo chama uma garota, fazendo-a ter relações com o jovem para que este entenda, de forma prática o mistério. Satisfeito com o método de seu preceptor, o jovem volta a apresentar-lhe dificuldades na hora da compreensão, com o intuito, desta vez, apenas de ter novamente com a garota. Assim o faz seu preceptor, manda chamá-la, e no momento em que seu educando penetra a jovem, resolve juntar-se a eles, desta vez, penetrando-o por trás, o qual, no momento em que é penetrado, diz ao preceptor:

-Ah! Oh! meu Deus, o senhor me faz mal- diz o jovem- mas essa cerimônia parece-me inútil; o que ela me acrescenta com relação ao mistério?
 - Por Deus!- diz o abade, balbuciando de prazer- não vês, caro amigo, que te ensino tudo ao mesmo tempo? é a trindade, meu filho... é a trindade que hoje te explico; mais cinco ou seis lições iguais a esta e serás doutor na Sorbonne.(SADE,1997,p.56)

O tom é de escárnio, associa-se o elemento religioso ao sexo, ridicularizando um mistério pertinente à doutrina cristã. Os homens devem seguir, segundo Sade, apenas as suas paixões, as únicas que podem levá-los à felicidade, devendo-se ridicularizar e negar qualquer moral que se contrarie as determinações da natureza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme o percurso percorrido no presente trabalho, pode-se identificar que o pensamento de Sade, desenvolvido primordialmente por seus romances e contos, não se constitui enquanto uma exceção à regra dos intelectuais do século XVIII. Partindo-se das considerações de Monzani em *Desejo e Prazer na Idade Moderna*, pode-se verificar que o pensamento de Sade depende de certas matrizes de pensamento concernentes à sua época que tem sua origem, sobretudo na filosofia acerca dos fundamentos da vida passional, de Thomas Hobbes, bem como dos materialistas franceses influenciados por este. Identificou-se que Sade liga-se à Hobbes por três pontos principais, a saber, a concepção sobre a condição de guerra, a antropologia do desejo, além do relativismo de bem e mal. Após tais considerações, pode-se identificar a concepção de educação presente *Em A Filosofia na Alcova*, obra que apresenta os princípios fundamentais do pensamento sadiano.

Nesta obra identificou-se a concepção sadiana de natureza, a qual é entendida enquanto causa originante e reguladora do universo, agente universal. De posse deste conceito foi possível compreender a concepção sadiana acerca dos vícios e virtudes. Identificou-se o procedimento genealógico utilizado por Sade, para demonstrar que virtudes como a piedade, a caridade e a beneficência são na verdade originadas de vícios. Em seguida ressaltou-se o valor da crueldade como única virtude verdadeira, e a partir desta noção, apresentou-se a refutação sadiana do sistema rousseniano, que parte do entendimento de uma bondade natural pertencente aos homens, os quais corrompem-se através do processo de saída do estado natural através de suas próprias faculdades, sobre tudo a perfectibilidade (razão virtual).

Com estas considerações, buscou-se tratar da operação de negação da moral cristã desenvolvida na obra de Sade. Identificou-se a criação de um estilo de escrita que busca atravessar discursos de contextos diferentes (dialogismo) com o intuito de rechaçar o discurso do sentimento, da virtude e o que prega a moral cristã. O que torna-se claro com as palavras de deboche e infortúnios recebidos pelos personagens que representam os valores da bondade e outras virtudes. Para iluminar o dito acima, fez-se necessário recorrer à um texto dos *Contos Libertinos*, o

qual intitula-se *Professor Filósofo*, que através da linguagem do escárnio, ridiculariza um mistério do cristianismo, a consubstanciação.

Ao fim, é válido considerar que apesar de depender das matrizes de pensamento que tem sua origem em Hobbes, e que se disseminam durante o período do iluminismo, a filosofia de Sade torna-se singular pelas cenas montadas em seus romances e contos, a partir de ideias filosóficas que revolucionam o modo cotidiano de compreensão das convenções. A obra de Sade, para além de servir de mero objeto de análise psiquiátrica, por revelar práticas sexuais associadas ao crime e a dor que constantemente são negadas pelo modo de proceder dos homens na vida comum, quando analisada atentamente, pode revelar um mundo, sim, de sombras, mas que tem um resquício de cada homem, uma partícula do que qualquer ser humano esconde em seu íntimo, longe das relações sociais, antes da luz da consciência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES, Augusto Contador. **A Revolução da Palavra Libertina**, In: Marquês de SADE. *A Filosofia na Alcova*. São Paulo, SP: Editora Iluminuras, 2003.

CASSIRER, Ernst. **A Filosofia do Iluminismo**. Tradução: Álvaro Cabral. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

CASTRO, Clara Carnicero. **Marquês de Sade: O sensualismo em sua forma máxima**. São Paulo, SP: Cadernos de Ética e Filosofia Política, n.15, pp.85-103, 2009.

DESCARTES, René. **Discurso do Método**. Tradução: Ciro Mioranza. São Paulo, SP: Editora Escala, 2006.

FORTES, Luiz R. S. **O iluminismo e os reis filósofos**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

HOBBS, THOMAS. **Leviatã**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

KANT, Immanuel. **Resposta a pergunta: Que é esclarecimento?** Textos Seletos. Tradução Floriano de Sousa Fernandes. 3 ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2005. Pg. 63-71.

MONZANI, Luiz Roberto. **Desejo e Prazer na Idade Moderna**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

MORAES, Eliane Robert. **Sade: A felicidade Libertina**. Rio de Janeiro, RJ: Imago editora, 1994.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Carta à D'Alembert**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993.

_____. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. 2^a. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SADE, Marquês de. **Novelas do marquês de Sade**. São Paulo, SP: Difusão Européia do Livro, 1961.

_____. **Em duas palavras o que eu sou (Algumas cartas da prisão)**. Lisboa, Portugal: Editora Frenesi, 1996.

_____. **Contos Libertinos**. Tradução: Plínio Augusto Coelho, Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo, SP: Editora Imaginário, 1997.

_____. **A Filosofia na Alcova**. Tradução: Augusto Contador Borges. São Paulo, SP: Iluminuras, 2003.

SERRAVALLE DE SÁ, Daniel. **O Marquês de Sade e o romance filosófico do século XVIII**. Revista Eutomia. Pernambuco: EDUFPE, ano 1, n. 2, dez. p.362-377, 2008.